

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida,
Dr. Antonio do Valle e Sousa,
Conde da Esperança,
E. Severim de Azevedo (Crispin),
Ferreira Mendes,
D. Jorge de Menezes,
J. Nunes de Freitas,
Luiz Trigueiros,
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITÓRIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE OUTUBRO DE 1913

Nº 354



Raymundo Poincaré

Presidente da Republica Franceza

O «Brasil-Portugal» presta homenagem ao notavel chefe de estado, cuja recente visita á Hespanha constitue um importantissimo acontecimento internacional a que o nosso paiz não pôde mostrar-se indifferente

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de outubro de 1913

CARTAS DO RIO DE JANEIRO

XV

AQUEM E ALÉM-MAR

Jornalismo português — A debandada

HOUVE um tempo em que em Portugal se dizia á bocca cheia que havia mais gente a escrever jornaes do que a lê-los. Com effeito, estava demonstrado que 75 por cento dos habitantes eram analphabetos. Restavam 25 por cento, e destes era escasso o numero dos que liam, porque mal lhes chegava o tempo para grangear o pão indispensavel á vida. Comtudo, augmentava dia a dia o numero de jornaes e revistas, chegaram a circular em Lisboa vinte folhas diarias e, segundo uma resenha cuidadosamente feita pelo bibliophilo Brito Aranha, entre revistas e jornaes, algumas centenas, cujo numero não posso precisar, eram diariamente publicados no continente e no ultramar. Fazendo-se o computo dos redactores, reporters, noticiaristas, criticos, folhetinistas, revisores, collaboradores eventuaes e puros amadores, occupados em cada uma destas publicações jornalisticas, chegaremos á conclusão de que a percentagem dos leitores era minima, e de certo inferior á dos jornalistas.

Era uma verdade e comtudo nunca tinha sido demonstrada, era uma affirmação, que a muitos pareceria gratuita á falta de analyse rigorosa e de logica deducção. A Republica veiu e, de repente, como um sol, surgiu e brilhou a demonstração pratica, inilludivel, incontrovertida. Havia, com effeito, em Portugal mais gente a escrever do que a ler. Querem averiguar por quê? Porque, havendo tantos jornaes e revistas como dantes, por isso que se ás publicações monarchicas foi um ar que lhes deu, em compensação as republicanas pullulam por todos os cantos, sobejam por todas as terras de Portugal, além de capitalistas para as lançar, — e ficarem sem o dinheiro, jornalistas, para as escrever.

E a plethora é de tal ordem que ainda por lá ha duzias delles a metterem empenhos para entrar nos jornaes e a serem preteridos. Se a todos estes, os despachados, os effectivos, os eventuaes, os preteridos, os reformados, os auxiliares de todos os feitios, quantos por lá se agitam ou apenas vegetam, juntarem os que andam dispersos por Inglaterra, por Hespanha, por França e pelo Brasil, facilmente chegam á conclusão de que ha, com effeito, mais escriptores do que leitores, nos taes 25 ⁹/₁₀ da população portugueza não analphabetos. Regula em tudo isto, é claro, a lei da proporção.

Só aqui, no Rio de Janeiro, a percentagem dos que debandaram é colossal. Não me acreditavam se eu lhes dissesse, sem o provar, com os nomes á vista, que 42 trabalhadores da penna, além dos que escapam ao meu conhecimento, 42 portuguezes, muitos, dentre esses, profissionaes do jornalismo, e todos elles tendo passado por lá, uns em situações de destaque, outros em obscura collaboração, mas tendo todos manejado uma penna, não havendo, portanto, um só a quem não caiba a designação de plumitivo, não me acreditavam repito, se eu me limitasse a dizer que depois da proclamação da Republica Portugueza, isto é, em menos de tres annos, debandaram de Portugal para o Rio de Janeiro 42 trabalhadores da imprensa, os quaes a toda a hora se acotovelam uns aos outros pelas ruas desta grande cidade, que assim parece transformada numa succursal enorme do jornalismo portuguez.

Querem nomes, que valorisem a demonstração? Ah! os têm, pela ordem por que á memoria me vão occorrendo:

Portugal da Silva, que foi o ultimo a chegar, o conhecido critico e escriptor theatral, a quem eu desejava dentro em pouco applicar «de verdade», a phrase da Escriptura: «os ultimos serão os primeiros»; *Luíz Moraes de Carvalho*, o folhetinista do *Diario de Noticias*, que chegou, viu e venceu, porque dois dias depois de entrar no Rio, estava secretario da grande Empresa *La Teatral*, de S. Paulo; *Dr. Fernando da Motta Cardoso*, que largo tempo collaborou na *Nação*; *Dr. Mario Monteiro*, que dirigiu em Lisboa

A Alvorada, e que depois de fugir, de viuva, para Hespanha, em seguida a uma revolução que preparou e abortou, veiu dar com o espinhaço ao Brasil, muito contente com a sua vida, por lh'o não terem feito lá em bocados; *Antonio Guimarães*, o secretario do *Dia*, que tem aqui feito varias conferencias sobre assumptos portuguezes; *Dr. Alexandre d'Albuquerque*, que lá deixou de ser director do seu jornal á força, por lh'o empastelarem, e que cá desentupiu e desabafa na *Epoca* e no *Realista*; *Antonio Carneiro*, jornalista e poeta, que está collocado no commercio e na redacção deste ultimo jornal a que tambem pertence *D. José Paulo da Camara*, o *Pepe* do *Correio* de Lisboa, que Deus haja, e que collabore ao mesmo tempo na edição da tarde do *Jornal do Commercio*; *Dr. Antonio Claro*, o antigo advogado e jornalista republicano, do Porto, que diz da republica e dos seus homens no *Paiz*, desta cidade, hebdomadariamente, o que Mafoma não disse do toucinho; *Dr. Ferreira d'Almeida*, que foi em Lisboa, no extincto regimen, um dos mais apreciados chronistas de todas as festas elegantes, e que, sendo o primeiro secretario da Legação, é o unico jornalista que tem aqui uma situação official; *Conego Senna Freitas*, jornalista catholico e escriptor polygrapho, que, no convento em que está recolhido, entretem os seus ocios obrigados a verter da vulgata latina os quatro Evangelistas, no vernaculo portuguez que elle escreve; *Conselheiro Martins de Carvalho*, que está a redigir o *Realista* e tem banca de advogado; *Jayme de Séguier*, o antigo collaborador do *Jornal do Commercio*, do Rio, prosador e poeta, que, despojado dos seus consulados de Paris e de Roma, veiu matar saudades do Rio, onde seu filho, o engenheiro do mesmo apellido, dirige uma propriedade rustica; *D. Virginia Quaresma*, que faz a alta reportagem da *Epoca*, depois de ter feito ahi a do *Seculo*, e *D. Maria da Cunha*, a poetisa, cujo livro foi consagrado pelos prefacios de Candido de Figueiredo, Julio Dantas e Conde de Monsaraz, e que collabore litterariamente no mesmo jornal; *Malheiro Dias*, que me não perdoaria se eu envolvesse o seu nome em algum adjectivo banal, e que depois de toda a sua obra de theatro, de jornal, de romance, depois de ter dirigido a *Illustração Portugueza*, em pleno regimen de uma assidua collaboração semanal no *Jornal do Brasil*, atravessou o Atlantico, para fazer tres conferencias no Rio, onde já esteve e de onde talvez não volte; *Joaquim Madureira*, que foi em Lisboa redactor de *O Mundo* e que tem escripto aqui em varios jornaes; *Alvaro Marta*, auctor de varias revistas representadas com exito em theatros populares de Lisboa; *Francisco Pastor*, o conhecido gravador e director do *Correio da Europa*, que vive nesta cidade, tendo agora ido a Lisboa para assistir ao casamento de sua filha; *Homem Christo Filho*, que na Liga Monarchica, onde já tem fallado, renova e augmenta a tradição do *Povo d'Aveiro*; *Dr. José Julio Rodrigues*, o professor e jornalista, que dirigiu em Lisboa a ephemera *Folha da Tarde* e collaborou nas *Novidades*, e está fazendo umas conferencias e organisando uma companhia para a fundação de collegios no Brasil, pelos mais modernos processos de instrucção; *Dr. José Tavares e Teixeira d'Abreu*, ministros franquistas, que em Coimbra redigiram um jornal, orgão desse partido, sendo hoje; o primeiro, advogado no Rio, ligado a uma importante empresa industrial e o segundo, director, em S. Paulo, de uma grande companhia ingleza; *Francisco Costa* — o *Costa Girafa* — que foi collaborador do *Dia*, do *Seculo* e do *Correio da Noite*; *Pinto Balsemão*, redactor que foi do *Portugal*; os illustradores de jornaes *Abilio Guimarães* e *Guerreiro*, que illustrou muitos mezes as *Novidades*; *Mario Galvão*, que foi director do *Illustrado* na sua ultima phase, e que está hoje no Pará; *Julio do Amaral*, jornalista republicano, que collaborou no *Paiz* e na *Epoca*, de Lisboa e que fundou aqui um jornal theatral que dirige a *Ribalta* e escreve no *Tempo*; *Pinheiro Domingues*, jornalista catholico, redactor da *Nação*, que apresenta como um tropheu... negativo, meia orelha, porque a outra meia lh'a levaram os carbonarios; *Augusto Machado*, que foi reporter do *Seculo* e da *Lucta*, e que por ahi anda, dizem que pensando mais em letras de Banco que em letras de imprensa; *Guimarães*, que dirigiu a revista *Cosmos*; *Gaspar Telles*, que foi director tecnico da *Illustração Portugueza*; *Abel d'Araujo*, que em Lisboa foi reporter da *Lucta* e outros jornaes republicanos e que tem collaborado na *Imprensa* e *Folha do Dia*, desta Cidade; *Noronha*, que foi reporter do *Seculo* e é o actual proprietario do Café Suizo, na Avenida Rio Branco (é de todos estes o unico que veiu para o Brasil antes da proclamação da Republica, uns mezes apenas); *Arcadio de Menezes*, que nas *Novidades* e no *Diario Popular* escreveu com o pseudonymo de «Pétillon» e é hoje empregado na casa Arthur Brandão & Comp.; *Carlos Queiroz*, antigo reporter do *Correio Nacional*; *Adriano Mendes de Vasconcellos*, que escreveu em varios jornaes, e nomea-

A commemoração do 3.º anniversario da proclamação da republica



A parada dos marinheiros

damente artigos criticos na *Patria*, de que era proprietario e director o actual ministro do Exterior em Portugal, Dr. Macieira. Abandonou a cadeira de deputado republicano e a politica e é aqui redactor da Agencia Havas.

Os ultimos nomes muito de proposito os reservei para o fim: *Arthur Brandão, Julio de Vilhena, Lorjô Tavares, Augusto S. Boaventura e este vosso criado*. O primeiro fundou e dirigiu em Lisboa o diario politico a *Tribuna* e pertenceu a outros jornaes, o segundo collaborou em jornaes de Lisboa e da provincia, eu, acompanhei durante 14 annos Pinheiro Chagas no *Diario da Manhã* e no *Correio*, e uma trindade formada pelo Almirante Castilho, por Lorjô e por mim, fundou ha 15 annos a revista *Brasil-Portugal*, que continúa a publicar-se, depois da morte de Castilho, sob a direcção de João de Vasconcellos, a minha e a de Lorjô Tavares, que foi redactor do *Correio da Noite* e auctor de peças representadas aqui e em Portugal. S. Boaventura escreveu na *Nação*, no *Seculo* e em outros jornaes. Nós todos fomos bizarramente acolhidos pelo *Jornal do Brasil*, sempre de braços abertos para os escriptores portuguezes que á sua grande sombra se abrigam, muito minha conhecida no largo periodo de vinte annos de collaboração permanente.

Desta comprida lista de nomes que se conclue? Que todos os extinctos partidos da monarchia têm no Rio de Janeiro representantes-reliquias. Que é grande tambem o contingente de republicanos que trocaram Portugal pelo Brasil. E concluam o resto todos os que queiram applicar um pouco de observação aos phenomenos sociaes.

Rio, 1913.

JAYME VICTOR.

D. João de Castro

Quando este nobre soldado portuguez se achava perigosamente enfermo, mandou ir perante si o governo popular, de Góá, o vigario geral da India, o mestre (São) Francisco Xavier, e os officiaes da fazenda d'el-rei, e dirigiu-lhes estas palavras:— «Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao vice-rei da India faltam n'esta doença as commodidades, que acha nos hospitaes o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim commerciar ao Oriente; a vós mesmos quiz empenhar os ossos de meu filho, e empenhei os

cabellos da barba para vos assegurar que não tinha outras tapessarias, nem baixellas. Hoje não houve n'esta casa dinheiro com que se comprasse uma gallinha; porque nas armadas que fiz, primeiro comiam os soldados os salarios do governador que os soldos do seu



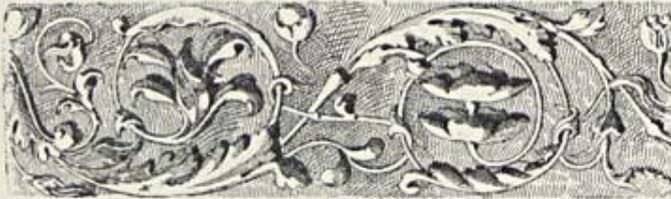
A commemoração do 3.º anniversario da proclamação da republica
Outro aspecto da parada dos marinheiros

(Phot. de •••)

rei: e não é d'espantar que esteja pobre um pae de tantos filhos. Peço-vos que emquanto durar esta doença, me ordeneis da fazenda real uma honesta despeza, e pessoa por vós determinada, que com modesta taxa me alimente.

No mundo do espirito como no da materia occupamos sempre uma posição. Aquelle que continuamente muda o seu ponto de vista vê mais e mais claramente do que aquelle que, como estatueta, fica eternamente de pé sobre o mesmo pedestal, por alto e bem situado que esse pedestal seja.

ARTUR HELPS.



POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XXXVI

COISAS RIDICULAS

Não ha terra mais fecunda em boatos do que a nossa, porque não ha povo mais dado á phantasia do que o portuguez. Uma asneirola qualquer segredada no Rocio, sobe o Chiado, galga S. Pedro d'Alcantara, vae á Rotunda e desce á Avenida, em menos de 5 minutos, assoprada pelos diversos *professionaes* que levam a vida a acarretar com as phantasias alheias, já que o Destino, por um delicado capricho, os exhibiu de acarretar com os fardos d'Alfandega, mais proprios, por certo, á chateza dos seus cerebros.

O Lúlu diz á Lili que lhe consta isto; a Lili diz á mamã que o isto do Lúlu é certo; a mamã diz ao papá que o isto certo da Lili é inevitavel; e o papá diz aos amigos que o isto inevitavel da mamã é já um facto; e os amigos do papá por sua vez espalham com a velocidade adquirida de 60 cavallos á hora, o primitivo isto do Lúlu transformado, correcto e augmentado, mil vezes.

Nunca nos ha-de esquecer uma experiencia que nós fizemos ha dois annos nas vespuras da 1.^a incursão monarchica. Iamos subindo a rua do Ouro quando, nas alturas da livraria Ferreira, encontramos um *inqueridor d'officio*, dos muitos que andam a agitar a sua imbecilidade pelas ruas da baixa.

Acercou-se de nós, disparando-nos a sacramental pergunta:

— Então que ha de novo? Então que ha de novo?

Estavamos de bom humor n'esse dia, e com uma certa pachorra, retorquimos-lhe:

— Não sabe?!

— Não, não sei nada, sahi agora de casa justamente para saber o que havia...

— Então o meu amigo não sabe que foi visto esta manhã um aeroplano atravessar a fronteira com conspiradores?! Mas olhe que isto é segredo, não diga nada...

— Oh! Isto aqui é um poço! — e o bochechinha alegre partiu com os olhos faiscando alegria. Nós sorrindo intimamente continuámos rua do Ouro acima, dizendo com os nossos botões:

— Logo á noite não ha idiota que não repita a asneirola.

Pois, senhores! Quando iamos a passar na Avenida, proximo da calçada da Gloria, sahiu-nos esbaforido ao encontro um mancebo pelado dos que fazem esquina no largo das Duas Igrejas, agarrando-se a nós com ar de tetrica confidencia:

— Então você já sabe, a ultima novidade?!

— Não, não sei nada — respondemos modestos, tendo um palpite.

— Pois oiça, mas guarde só para si...

— Ora! Nem é preciso recomendar,

— Esta manhã atravessou a fronteira uma esquadilha de aeroplanos com conspiradores commandados por Paiva Couceiro.

— Que me diz?!

— E' certo. Pois houve até já quem lhe fallasse...

O boato, elevado ao cubo, tinha conseguido dar a volta pelo Chiado, chegando em linha curva mais depressa á Avenida do que nós em linha recta pelo Rocio.

São assim. E assim vivem porque não sabem viver d'outra coisa.

Esta manifestação do ridiculo particular só é excedida pelo ridiculo official. E diga-se em abono da verdade, com vantagem em qualidade.

No capitulo dos attentados, até á data em que escrevemos, já vamos na fita n.º 8. Volta e meia é preso um fulano qualquer porque... Porque mostrou os seus intentos criminosos de qualquer maneira contra o sr. presidente do ministerio? Nada d'isso. Porque palpita á policia publica... ou particular que o homem tem *intensões sinistras!*...

Archi-pyramidal!

Já que nos estamos referindo a coisas ridiculas, não queremos deixar de archivar n'estas columnas uns trechos d'uma celebre en-

trevista publicada pelo sr. dr. Alfredo Ansur, no *Mundo Legal e Judiciario*. Antes, porém, desejamos tambem offerecer aos leitores d'esta revista um saboroso naco de prosa da lavra da Commissão Administrativa da Camara Municipal de Louzã, o qual consta do extracto official d'uma das suas ultimas sessões:

Commissão Municipal da Louzã

«Presidente, Francisco José de Figueiredo Junior; vogaes presentes, Abel Baptista, effectivo, Antonio Duarte Vaz e José Maria de Mattos, substitutos. Pelo presidente foi apresentada a seguinte proposta: — «Considerando que um dos mais sagrados deveres da Republica é contribuir tanto quanto possivel para o progresso e proficuidade da nossa querida Patria, acabando por extinguir tudo o que represente atraço ou ignorancia; Considerando que já no antigo regimen poucos eram os concelhos que conservavam nos seus edificios de Paços de Concelho, a sineta; Considerando que a sua existencia no actual regimen representa uma velharia inadmissivel; Considerando que é á Camara que competem as attribuições de zelar pelo interesse e engrandecimento do seu concelho: Propo-nho, como medida de grande alcance moral e intellectual para esta terra, a retirada immediata da sineta do edificio dos Paços do Concelho». Esta proposta foi approvada por todos os vereadores presentes.»

O badalo dos Paços do Concelho arrancado em nome... dos sagrados deveres da Republica, do progresso da Patria e como medida de grande alcance moral e intellectual!

Uff!

E agora leitores uns minutos d'atención para o quadro litterario que vae desenrolar-se perante a vossa vista.

O que passamos a transcrever é tirado d'uma entrevista que o sr. dr. Alfredo Ansur *diç ter tido* (elle é que o affirma, porque nós nunca ousariamos tanto) com o sr. dr. Manoel de Arriaga no Palacio de Belem e a que deu o titulo de *O Sonho do Presidente*.

Não a comentaremos; e d'essas vinte paginas de pittoresca prosa publicada na revista juridica o *Mundo Legal e Judiciario* de que é director o ministro plenipotenciario Fernão Botto Machado, apenas destacamos como amostra alguns dos periodos mais... mais... vivos de colorido.

Começa assim:

«— O feliz restabelecimento da saude de v. ex.^a, permittir-lhe-ha, decerto, presidir aos festejos do proximo jubileu, de 5 de outubro? aventurei-me a dizer ao venerando presidente Arriaga, nos jardins de Belem.

— Não quero que me dê excellencia, accudiu com bonhomia; ora sente-se aqui ao pé de mim e ouça. Mesmo que tivesse morrido... creia... eu já tinha visto esses festejos.

Ora essa! exclamei, surpresa. Se estamos ainda em setembro...

Você é um bohemio, retorquiu, e já na juventude olhava muito para o alto.

Compreenderá a explicação que vou dar-lhe. No periodo mais agudo da minha enfermidade, aspirei, para conciliar o somno, um certo fumo opiaceo, ou morphinico, e logo me appareceu tudo côr de rosa...

— Poeta, orador, acima de tudo philosopho idealista, foi bem natural, observei.

— Arrebatado a outras esferas, continuou, comecei a sonhar e ouvir a musica mais arrebatadora das «Harmonias Sociaes».

— Conheço, interrompi respeitosamente, pelo Livro VI da Republica de Cicero, o famoso «Sonho de Scipião», conservado por Macrobio, e em que o grande orador, como Platão, attingiu a Apex da sublimidade. Confesso que desejaria muito...

— Que lhe contasse o meu sonho, não é verdade? Pois escute, mas guarde segredo. Se não vi, como Scipião, algum dos meus na Via Lactea, nitida e longamente assisti a espectaculos bem extraordinarios!»

«A's 8 horas da manhã ouviu-se em toda a cidade uma «symbolica» salva de tiros 5 + 10 + 13 = 28, com intervallo de 1' dentro de cada serie e de 1" entre as tres series, embandeirando logo os edificios e repicando livremente os sinos trechos favoritos. Não imagina como fiquei extatico ao ouvir em Lisboa uma valsa executada pelos carrilhões joanninos de Mafra! A essa mesma hora voei á Penitenciaria e Limoeiro com o ministro da justiça, e fiz soltar todos os presos politicos que quizeram subscrever esta de-

claração: «Prometto pela minha honra não conspirar contra a Republica».

Esta providencia, communicada pelo telephone e telegrapho, aproveitou a todos, sem distincção de localidade.»

«A's doze horas em ponto realisou-se uma revista geral e bodo a 12:600 «Maximos Indigentes», 300 por cada uma das 42 freguezias da Capital, segundo a relação elaborada pelos respectivos regedores e Juizes de Paz.

Pensara-se primeiro em suspender das arvores, por fitas verdes e vermelhas, aquelle numero de pães e pôr a correr dois arroios de purissimo leite em calhas de crystal, servindo de reservatorio de sobejo o grande lago septentrional do Rocio. Mas, para utilizar as carroças dos Edis, vi de cada lado postadas 21, com pipote de 150 litros e 300 pães de 500 grammas e um saquitel com 300 escudos de prata, afim de serem distribuidos, mediante 420 policias (dez por vehiculo, ladeado tambem por 2 cavalleiros da Guarda Nacional Republicana). Com pontualidade militar, surgi do lado do Rocio, em automovel do Estado, acompanhado de minha esposa e filhos, e seguido de um estado maior philantropico, em que figuravam dezenas das mais distinctas senhoras republicanas. Acaso ha festa verdadeira sem o concurso inestimavel do bello sexo? Romperam as bandas com um diluvio dos trechos mais inspirados da «Symphonia Revolucionaria de Listz», nunca ouvida em Lisboa e da qual, apesar de não impressa, o Conservatorio obtivera copia. — Emquanto o cortejo official deslisava entre as duas Alas de Indigentes, 3 aeroplanos do Estado, vogando serenamente no azul, a uma altura media de 5+10+13 metros, iam desparzindo chuva de flôres sobre o cortejo e os indigentes. Foi um espectáculo novo que commoveu intensamente as almas mais empedernidas. Apenas attingi o centro da Rotunda, subi, com os que me acompanhavam, a vasto e altissimo estrado, tapetado de verde e vermelho. E logo o poeta Guerra Junqueiro, pedindo-me venia, e aproximando-se de um engenhoso machinismo telephonographice, que multiplicava 5+10+913 vezes a energia dos sons.»

Depois de reproduzir varios discursos entre os quaes um do sr. Alfonso Costa, continua a entrevista:

«Nunca se vira, cá no Occidente, uma apotheose d'aquelle tamanho. Teve chispas de Etna ou Vesuvio, e correntes de Karakatóa aquella magnetica explosão! A onda sonora, partindo das

palmas e boccas frementes, fóra de tal violencia que, galgando montes e valles, rios e selvas, cidades e aldeias, batera de chofre, como tromba de falcões, lá para o Norte, nos contrafortes escarpados do Caramulo e nos peitos arrogantes da Serra da Estrella, d'onde, refluindo mais brava para o Sul, juntou em claro, qual chusma phantastica de aligeras gazellas, sobre o dorso estatico do Tejo e, depois de subjugar as vizeiras altivas de Almada, Palmella e Serra da Arrabida, só desmaiou de todo precipitando-se nas ondas frias do Atlantico! Foi então que eu, electrizado pelos verbos frementes que acabavam de soar, não tive mão em mim que não exclamasse, erguendo na dextra uma taça transbordante de alvissimo leite, e na esquerda um pão de centavo (gesto logo imitado por quantos me rodeavam).»

Depois de reproduzir um discurso do sr. dr. Manoel de Arriaga, accrescenta ainda a entrevista:

«Novo trovão de palmas e vivas e applausos coroou este brinde e foi o signal para se distribuir simultaneamente, a cada um dos 12:600 indigentes, o que competia. Durou o espartano repasto 20 minutos, durante os quaes numerosas bandas fizeram ouvir novos trechos da mencionada «Symphonia Revolucionaria de Listz.»

Se tudo isto foi bello, o espectáculo que se seguiu attingiu o «climax» da Edade de Ouro, foi inteiramente digno dos tempos de Astréa. A' proporção que eu e todos os ministros iamos descendo a Avenida, coroados de bençãos e aclamações dos pobres, cada um de nós «adoptou» uma creança maior de 5, e menor de 10 annos, compromettendo-se á sua mantença, educação e futuro, por espaço de 13 annos, como se pertencesse a sua propria familia. Muitos outros cidadãos virtuosos e opulentos, imitaram ali mesmo o nosso exemplo. Ha com effeito uma situação mais digna de respeito, amor e protecção, do que a da Velhice: é a da Infancia. O Ministro da Justiça adoptou duas.»

Ficamos por aqui, porque esta chronica já vae muito longa.

Todas estas coisas e muitas outras dá-nos ás vezes a impressão que Portugal se transformou n'um grande manicomio dividido em duas cathogorias: doidos mansos e doidos bravos. Será verdade?

CRISPIM.



A comemoração do 3.º anniversario da proclamação da republica — A officialidade do «Benjamin Constant» navio brasileiro que esteve no Tejo por occasião dos festejos

(Phot. de ***)

A SOBRINHA DE «SIR» JAMES

Sir James Scott era um velho inglês, de lindas e nevadas barbas, que possuía um magnífico e antigo castello perto de Bury, dominando uma pequena aldeia cujo nome não vem para o caso. Vivera muito tempo em Londres, frequentando a melhor sociedade, mas, por morte da esposa, aborreceu tudo quanto o cercava e resolveu recolher-se à casa que o vira nascer e passar n'ella o resto dos seus dias.

Criára, desde a mais tenra idade, junto d'elle uma sobrinha da mulher a quem queria com extremos de pae. Era ella a sua unica



A sobrinha de «sir» James — «Sir» James visitou Swanley e todos os outros estabelecimentos modelares...

companhia no castello além dos velhos servidores que para alli haviam entrado na idade juvenil e

que, hoje, tão velhos como elle, olhavam o castello como se fôsse propriedade sua. No primeiro tempo em que sir James habitou nas suas terras começou a enristecer. A brusca mudança de todos os seus habitos, o repentino isolamento, a tristeza da estação do outono em que se transferira para a aldeia, tudo isso pezava sobre o pobre velho e o fazia arrependido da resolução tomada, sem comtudo ter animo de a revogar. Olhava para a sobrinha, que elle temera não vêr resignada à sua nova existencia e via-a alegre, tagarella, tirando proveito para se distrahir da optima bibliotheca do castello e adaptando-se tão bem ao meio, que elle se envergonhava sendo homem, de lhe confessar quanto a vida alli lhe era penosa.

Uma tarde, em que, sentados junto d'uma das janellas da torre do castello, viam erguer-se lentamente nos ares o fumo que se evoluava das chaminés da aldeia, sir James, mais triste que de costume, talvez pela influencia da hora, não pôde reter uma lagrima indiscreta que lhe rolou pela face. Alarmada, miss Jingle estreitou-o nos braços e, tanto instou, que o seu velho tio contou-lhe o desanimo que sentia e que elle attribuía à vida estupidamente ociosa que levava.

Miss Jingle deixou-o fallar sem o interromper e, quando elle terminou, volveu-lhe promptamente:

— O que lhe falta, meu tio, é uma cousa que o divirta, em que empregue a sua actividade.

— E' isso, é. Em Londres tinha o meu emprego no Banco. Occupava-me alli cinco ou seis horas, pelo menos, e aqui...

E suspendeu-se, como se lhe parecesse inutil concluir a phrase.

Miss Jingle suggeriu-lhe:

— Porque não negoceia?

— Aqui! Em qué?

— Em criação de gallinhas, perús e coelhos para o mercado de Londres e até para exportação.

— Que ideia! Isso não dá nada.

— Dá tal. Li outro dia na *The Illustrated Poultry Record* um artigo muitissimo bem escripto que me deu, ácerca d'esse negocio que se lhe afigura insignificante, ideias muito diversas.

Travou-se uma discussão e, quando o criado veiu acender a luz na sala, estava sir James entusiasmado com a proposta da sobrinha, a qual, lendo-lhe o artigo em que lhe fallára, o acabou

de convencer a montar nos seus dominios a criação não só de gallinhas para abastecimento do mercado de Londres, como tambem a entregar-se ao empreendimento de apuramento de raças.

Começaram os habitantes do castello, incluindo os velhos criados, a andar tão azafamados com o negocio que nem tinham occasião de reparar no tempo que lhes parecia voar rapidamente. Sir James, quiz conhecer as casas e negociantes que se occupavam n'aquelle genero de negocio; e, fazendo-se acompanhar pelo neto dos seus velhos criados que tinha vindo passar as ferias ao castello, foi a Swanley Farm e a todos os outros estabelecimentos modelares no genero. As visitas fôram longas, ás diversas regiões onde os estabelecimentos existiam, e sir James, habituou-se á companhia de Georges Weller, cujas finas maneiras e educação esmerada bulhavam com o seu baixo nascimento. Quando terminou o periodo de férias, Georges pensou em voltar para Londres; sir James propoz-lhe ficar no castello como seu guarda-livros e auxiliar na empresa de criação de aves e coelhos que resolvera montar grandiosamente. Weller, com grande descontentamento dos avós que sonhavam vê-lo advogado, acceitou; e a vida no castello tornou-se alegre e animada.

Weller vigiava tudo pessoalmente e, dentro de tres annos, o commercio de sir James tornara-se importantissimo. Miss Jingle tambem tinha a seu cargo a secção dos doentes e das femeas no chôco, e tudo isto, que parece estúpido e sem interesse para a conversação, tomou, no castello de sir James, o lugar que na maioria das palestras tem, em todas as casas e em todos os paizes, os interesses partidarios da politica nacional.

Miss Jingle era uma formosa rapariguinha de desanove annos. Georges Weller contava vinte e um. Tornaram-se os melhores amigos do mundo e sir James, via com prazer a sua harmonia. Weller jantava sempre á mesa do velho inglês que notava o interesse que tudo tinha desde que o neto dos seus criados habitava no castello e não raro alludia a isso dizendo com sincera bonhomia:

— Fôste o afastador do tédio que começava a invadir-me.

Não succedia o mesmo aos avós de Weller. A velha Mary, sobretudo, não via com bons olhos a confiança que sir James dava



A sobrinha de «sir» James — Weller vigiava tudo pessoalmente

zo neto e, fallando com o marido ácerca das suas apprehensões, dizia:

— Isto assim não vai bem e não me agrada nada! O Jorge devia jantar comnóscos, na sala dos criados, e não á mesa dos patrões. Cada um quer-se no seu lugar.

— Sempre tens cada toleima, mulher! Lá que sintas pena do rapaz acabar com os estudos, para se dedicar a uma cousa sem futuro nenhum, comprehende-se. Agora que te amofines por elle comer á mesa dos amos, parece-me feia inveja tratando-se do teu neto!

— Essa não me parece tua Edgard! volveu-lhe a mulher sentida. Julgar possivel que eu tenha inveja do neto! Crédo! Santo Deus! Não é isso... E' que... Não sei se me percebes...

E, como o marido a olhasse com ar imbecil, dando mostras de não perceber cousa alguma, ajuntou baixando muito a voz:

— Elle é um perfeito rapaz... Ella tambem não é nenhuma asneira... Não ha ninguem das suas idades cá no sitio melhor do que elles... percebe... tu já percebes?...

— Então elle havia de...? Isso não é possível... O rapaz não é nenhum parvo... Sabe a sua condicção.

— Hão de lhe valer de muito esses raciocinios!... A gente sente mesmo com a cabeça!... Ainda o que falta é termos de sahir d'aqui por causa d'elle.

— Sahir d'aqui! Essa agora!... Nem por elle nem por ninguem.

Mas, o que é certo, é que, desde esta conversa com a mulher, Edgard Weller andava preocupado e olhava para o neto de revez, chegando por vezes a trata-lo com mau modo.

O rapaz ressentiu-se; e elle, que não era homem que podesse callar muito tempo qualquer cousa que o preocupasse, disse-lhe o seu cuidado.

Foi a vez de Georges se entristecer e tornar aprehensivo.

Nunca semelhante cousa lhe passára pela cabeça; mas desde que seu avô admittiu essa possibilidade, como um desastre para todos, pareceu-lhe descobrir que amava ha muito miss Jingle e se devia retirar para não cometer alguma imprudencia e prejudicar os seus.



A sobrinha de «sir» James
«Sir» James já não se aborrecia

Pensando assim, não teve animo de o fazer, e, desde então, estabeleceu-se uma lucta incessante no espirito do pobre rapaz.

Sir James, que o estimava muito, começou a estuda-lo e, longe de atinar com a verdade, julgou que o rapaz sentia, como elle em tempo, a nostalgia da grande cidade e se debatia entre o desejo de partir e o quasi dever de ficar em vista da estima e distincções de que o rodeavam.

Miss Jingle preocupou-se tambem. Notando que a filha d'um rendeiro das visinhanças fitava insistentemente Weller ao sahir da missa dos domingos, sentiu desabrochar no seio um ciume torturante que a irritou, não só contra quem lh'o causava, como tambem contra o proprio Weller.

As conversas no castello começaram a perder sensivelmente o interesse. Em pouco tempo um pesado silencio presidia ás reuniões do velho inglés e dos seus jovens companheiros.

Parecia que ninguem dava por isso. No entanto sir James estudava Weller e a sobrinha sem perceber o motivo que assim os transformara. Um dia, porém, como miss Jingle estivesse no campo vigiando as ovelhas doentes, sir James mandou Georges levar-lhe um recado e, logo que elle sahiu, seguiu-o.

Miss Jingle, de joelhos no chão, festejava um dos animaes quando Weller lhe transmittiu o recado do tio. Preparava-se elle já para se retirar, mas parecendo ouvir um murmurio parou. Miss Jingle dizia a medo:

— Desejava perguntar-lhe uma cousa, Georges.

— Escuto-a, miss.

— O que o traz assim preocupado?

Elle corou, e, pondo os olhos no chão, calou-se.

Então ella, com voz tremulo e sem o olhar, continuou:

— E' a filha do visinho Pott que o entristece?

— Não... não é.

— Então?

— Desejo fugir-lhe, miss Jingle. Os sentimentos que me inspira não são aquelles que devo ter pela sobrinha de sir James. Eu... amo-a, miss...

Fez-se um silencio. Weller disse ainda a custo:

— Depois d'esta confissão só me resta partir. Permitta que lhe beije a mão e... não se offenda com um affecto tão respeitoso. Lembre-se de que fujo para ser esquecido... Eu sei... sinto que seu correspondido.

Miss Jingle, com os olhos arrasados de lagrimas, estendeu-lhe em silencio a mão.

Quando Weller se curvava a beijal-a, fez-se ouvir uma voz que os affastou como por encanto.

Era sir James que gritava alegremente:

— No rosto, no rosto, meu rapaz.

Georges Weller e miss Jingle sentiram tal commoção ouvindo-o, que não perceberam as palavras que elle dissera.

Então o bom velho adiantou-se risonho para Weller que, apoiado ao tronco alta d'uma arvore, esperava entre confuso e sereno a reprimenda de sir James, e disse-lhe:

— Então queria fugir-nos, Georges? Ingrato!

E apontando-lhe a pá que jazia a distancia no chão, ajuntou:

— Julga que eu teria animo e fôrça ainda para me pôr, como você faz tantas vezes, á frente dos trabalhadores, como se fôsse trabalhador tambem? Case com minha sobrinha; e continue vigiando, não só as gallinhas, como as plantações do castello.

E, voltando-lhe as costas, affastou-se.

Elles estavam tão commovidos que nem balbuciaram um agradecimento,

O jantar d'esse dia reuniu á mesma mesa amos e criados. Sir James fallou em tomar gente nova para os servir, mas os velhos recusaram:

— Não precisamos cá de estranhos!

Passado tempo, evocando recordações, Mary Weller dizia ao marido.

— Olha que se não fôsse o negocio da criação, não teria o nosso neto casado como casou.

— Quem sabe lá?

— Sei eu. O que fez o casamento foi a mania de apuramento das raças que se metteu na cabeça de sir James.

— Tu és parva!

— Serei, mas elle affiança que descendemos do macaco e nos temos ido aperfeiçoando, e que o garoto que está para vir ha de ser uma perfeição, devido á belleza da mãe e á robustez do pae.

— O' mulher, tu sempre discorres cousas!

— E' o que te digo. Abençoado negocio que, se lhe apura a familia, foi a sorte do rapaz a quem elle já deu o castello e fez a terça.

— E a nossa sorte, não?

— Tambem, porque afinal... estamos realmente em nossa casa.



A sobrinha de «sir» James
Weller esperava a reprimenda

MARIA O'NEILL.

Soneto

Um rosto encantador, quasi moreno,
De uns grandes olhos verdes animado;
Negro o cabello, em tranças ennastrado;
Correcto o supercilio, iris sereno;

Vermelho o labio, sorridente e ameno;
Breve a cintura; o collo assetinado;
Um donaire, das outras invejado;
Magras as mãos; o pé, leve e pequeno:

Eis a dama por quem chorando anhélo!
Rival das graças do cinzél iónio,
Mas fria como a neve: o meu flagello!

Eis a minha Natércia, o cruel demonio
Por quem vivo perdido, mas tão bello
Que nem lhe resistira Santo Antonio!

JOÃO PENHA.

A conspiração monarchica

Os presos politicos ultimamente indultados



Um grupo de presos no momento de sahir da Penitenciaria

Affonso d'Albuquerque

LANCE-SE os olhos sobre uma carta da Asia, contemple-se a costa asiatica do Indico, abranjam-se com a vista os principaes pontos sobre que assentou o imperio portuguez na India no seculo xvi e recordem-se alguns dos factos mais notaveis d'esse glorioso periodo; ninguem poderá furtar-se á sensação de estar sonhando. Chega-se até a duvidar da Historia.

Um sentimento de profundissima admiração pelo homem que concebeu, planeou e executou, com recursos insignificantes, tão gigantesca obra, substitue logo no nosso espirito aquella primeira impressão, e a personalidade de Affonso d'Albuquerque toma a nossos olhos tamanhas proporções que sem hesitação lhe assignamos o primeiro logar na nossa Historia e o collocamos a par, pelo menos, dos maiores capitães do mundo antigo e moderno. E, se considerarmos o actual imperio britannico na India, convencer-nos-hemos logo de que só prestamos justiça a Affonso d'Albuquerque. O que este grande homem concebeu, planeou e executou no principio do seculo xvi, ainda hoje, decorridos 400 annos, tem a consagração dos factos. Póde-se afirmar que os

pontos principaes sobre que Albuquerque assentou o imperio na India ainda hoje são os mesmos: se não é Góá é Bombaim, poucas leguas ao norte, se não é Malaca é Singapura, poucas leguas a sueste e se não é Ormuz é Aden, substituição imposta pela abertura do canal de Suez, que fez perder ao golpho persico toda a sua antiga importancia. Mas tambem Affonso d'Albuquerque lançou no seculo xvi as suas vistas para Aden, tambem elle sonhou a ligação do Mar Vermelho ao Mediterraneo por meio de um canal que da bacia hydrographica do Nilo viesse ás costas da Abyssinia. Marinheiro audacioso, militar valente, estrategista consumado, possuindo profundos conhecimentos geographicos e da historia e costumes dos povos orientaes, um tacto politico e tino administrativo extraordinarios, d'uma energia ferrea que chegava á dureza, d'uma severidade de costumes que podia servir de modelo a um san-

to, parecia viver n'um mundo differente d'este, acalentando os seus grandiosos planos, para cuja execução dobrava, submettía tudo e todos.

Tinha coleras terriveis, de louco furioso, mas como não havia de ser assim se em volta de si só via homens, valentes, é certo, mas educados n'uma escola de pirataria, desmoralizados pela cubiça do ouro, pelo desejo desenfreado de enriquecerem rapidamente e, portanto, incapazes de comprehenderem a gigantesca obra em que elle se empenhava?!



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — Os presos politicos ultimamente indultados — Em Liberdade

(Phot. de ***)

De idade avançada, pois contava 56 annos quando tomou conta do governo da India, tinha a ousadia dos novos e a reflexão que naturalmente lhe dava a experiencia dos annos. O seu procedimento era regulado pelas circumstancias; duro e cruel, mesmo, quando era necessario infundir terror, elle sabia ser generoso e bom quando o interesse do estado assim lh'o aconselhava.

Antes mesmo de ser o governador da India, quando era simples commandante da esquadra do cruzeiro, na ilha de Socotora, começou a dar execução ao seu grandioso plano. Desprezando a pilhagem das naus de Meca, dirigiu-se com o pretexto de se abastecer de mantimentos, para o golpho de Ouran. Passando pela costa da Arabia foi semeando o terror, submettendo pelas armas successivamente Curiate, Mascate e Orfacate. A sua crueldade foi tal que mandou cortar as orelhas e o nariz aos prisioneiros. Entrava isso nos seus planos. O seu objectivo era Ormuz e preciso era que, quando lá chegasse, já o tivesse precedido a fama da sua crueldade e do terror que infundia.

Ormuz era n'esse tempo uma das cidades mais florescentes de toda a Asia. Situada na ilha do mesmo nome, á entrada do golpho persico e junto da costa da Persia, constituia com a ilha um reino

laca era n'esse tempo uma cidade de cem mil almas que dominava os estreitos do mesmo nome e monopolisava o commercio do Extremo Oriente. O ataque durou tres dias e foi com certeza o mais renhido que Affonso d'Albuquerque teve que sustentar em toda a sua vida, mas a victoria final pertenceu ao grande capitão, apesar de se encontrar com forças em numero muito inferior ao inimigo.

A conquista de Malaca devia ser gravada com letras de ouro na historia patria; é, sem duvida, um dos feitos que mais frisantemente attesta o valor dos portuguezes. A volta de Malaca Affonso de Albuquerque naufragou, perdendo no naufragio 4 leões de bronze, unico despojo que do saque da cidade quiz para si e que destinava ao seu tumulo.

Nos principios de 1513 dirigiu-se para o occidente e, tentando a conquista de Aden, como não tivesse conseguido tomal-a, percorreu com a sua esquadra o Mar Vermelho, semeando o terror nas costas da Arabia e da Abyssinia, chegando quasi a Suez. Seguiu depois para o golpho Persico e novamente conquistou Ormuz, mandando assassinar Bas Almeed, primeiro ministro do rei d'aquelle Estado, o que, de resto estava nos costumes da época.

No regresso para Góa soube que o rei D. Manuel o tinha



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — Os presos políticos ultimamente indultados — Um grupo de presos, acompanhado d'um guarda da penitenciaria, a caminho do Governo Civil

(Phot. de ***)

quasi inteiramente independente, pois que apenas pagava ao Schad um tributo annual. A sua magnífica situação fez d'ella o emporio de todo o commercio entre o Oriente, a Persia e o Mediterraneo.

Affonso d'Albuquerque depressa se assenhoreou de Ormuz, mas abandonado por tres dos seis navios que tinha sob as suas ordens, teve que regressar á India, a caminho da qual ainda lhe fugiu outro navio, o commandado por João da Nova.

Chegado a Cochim e assumindo o governo depois de varias peripecias provocadas pelo estado d'alma especial em que se encontrava o vice-rei D. Francisco d'Almeida por causa da morte de seu filho D. Lourenço, Affonso d'Albuquerque voltou as suas vistas para Góa — que era então tambem uma cidade muito florescente, situada no reino de Dekkan, na peninsula do Industão e governada por uma especie de senhor feudal chamado Hidalkhan.

Affonso d'Albuquerque conquistou a cidade em fevereiro de 1510, a qual foi retomada em maio d'esse anno por Hidalkhan, até que em novembro do mesmo anno ainda foi reconquistada e desde então não mais deixou de fazer parte do dominio portuguez.

Conquistado o centro do futuro imperio, faltava a Affonso d'Albuquerque apoderar-se dos dois pontos que n'aquelle tempo dominavam as linhas commerciaes do Indico; um era Ormuz, de que já fallamos, outro era Malaca, na peninsula do mesmo nome. Foi para esta que o grande conquistador se dirigiu em 1511. Ma-

mandado substituir no governo pelo seu inimigo Diogo Soares de Albergaria, o qual vinha do reino acompanhado de quasi todos os capitães que tinham desertado ou que tinham sido castigados por elle. Foi essa ingratição que o fez exclamar: «Mal com os homens por amor do rei, mal com o rei por amor dos homens.» E á entrada da barra de Góa, a 10 de dezembro de 1516, fallecia o maior, o mais extraordinario homem da nossa historia.

A sua falta fez-se sentir desde logo; o imperio portuguez na India começou a caminhar para a decadencia. A maioria dos successores de Affonso d'Albuquerque não estava á altura nem ao menos de conservar e defender a obra d'aquelle extraordinario genio.

Dizia um marselhez :

— Eu levanto cem kilos com um braço.

Respondia-lhe um hespanhol :

— E eu deito dentro, com um murro, a porta mais forte.

Obtemperava um portuguez :

— E eu com uma das mãos faço parar um comboio.

— Só se fosse Deus, objectou um d'elles.

— Não senhor, não sou Deus, mas sou machinista.

VIDA ELEGANTE



Em Villa do Conde — Grupo de senhoras da colonia balnear

Praias e thermas — Ultimos echos — O regresso aos lares
— Previsões sobre o inverno mundano

GRANJA, Caldas da Rainha e Villa do Conde, encarregaram-se este anno de representar pela abundancia e originalidade das suas festas, o mundanismo nacional veraneante, na sua expansibilidade de alegria e nas suas afirmações de bom gosto. Assim foram representadas as praias e thermas, que ainda este anno segundo consta d'uma estatística recente, deram um formoso contingente para os futuros registos matrimoniaes, armando em fabrica de noivados. D'essa laboração entre *one-steppes* e valsas, com a variante de algum esboço de tango argentino, resultou uma dezena de ajustes de casamento. *Tout est bien qui finit bien*; não se dirá que um noivado como inesperado complemento de duas duzias de banhos do mar, ou d'uma duzia de copos d'agua das Caldas e outras tantas fumigações, seja má recordação d'uma temporada, que permittiu juntar á cura física, a cura affectiva. *Tout est bien, qui finit bien!*...

A Granja, com o seu ar de logradouro para raros apenas, foi como nos ultimos annos a praia aristocratica, onde a arte encontra incondicionaes cultores. Não faltou, portanto, a recita de amadores dramaticos, evidenciando-se este anno como novidade no programma festivo, aquelle *tea* japonez que permittiu a exhibição de lindos *kimonos* realçando a beleza delicada de lindas *musmées*, tão delicadas e frageis algumas, como certas figuritas que esmaltam precisamente os leques e as faianças importadas d'este paiz da cõr, do sonho e do mysterio...

As Caldas da Rainha reeditaram o seu programma habitual, bem portuguez, demonstrando os frequentadores da velha patria das cavacas, um excepcional amor pela tradição. As chronicas mundanas registraram, portanto, varios *pic-nics*, jantares, *teas*, burricadas, torneios de bola e de *tennis* e a peça de grande effeito que é agora annunciadora do final proximo da temporada, — o concurso hippico.

Observadores incorrigiveis, segredam á *Vida Elegante*, que o *flirt* alastrou este anno nos corações sensiveis como o philoxera nas vinhas sem tratamento... Foi um pavór!

Em Villa do Conde, onde a colonia balnear forma quasi que uma familia, as diversões foram numerosas e algumas da maior originalidade. A batalha de flôres, que por signal eram na maior parte hortaliças, o concurso geripico, o concurso de construcções na areia, e a romaria na aldeia, d'um effeito tão original e gra-

cioso, foram numeros que deixaram assignalada a estação balnear d'este anno, como um dos mais alegres e de mais graciosa originalidade nas festas organisadas dos ultimos tempos.

A praia é tudo o que ha de mais suggestivamente alegre, com o seu bairro de banhistas onde abundam as construcções elegantes, com a sua avenida á beira-mar já muito adeantada e que será um dos mais bellos passeios do norte do paiz, com os seus jardins escrupulosamente tratados, magnificos *courts de tennis*, um esplendido balneario, um amplo e elegante *theatro* ligado á assembléa; e a par d'este conjuncto de aspectos modernos, lado a lado com o fructo do progresso notavel dos ultimos annos, o conjuncto pittoresco das ruellas e construcções da velha villa, tão limpas e tão casquilhas, a enfeitarem para a admiração do visitante que do Porto chega no comboyo, a orla da risonha *paysagem* que margina o rio.

Do que foram as festas em Villa do Conde, dizem as photographias que hoje inserimos e que nos foram obsequiosamente cedidas pelo distincto amator sr. João Barbosa.

Esses trabalhos artisticos ahi ficam como recordação de tantos dias de alegria despreoccupada e incentivo para a temporada futura.

Banhada, gargarejada, tonificada e... estafada, Lisboa que veraneou regressa pouco a pouco aos lares citadinos. E' agora uma romaria de carroças carregadas de mobiliario, de mallas, de saccos, de gaiolas onde esvoaçam apavorados os pintasilgos e os canarios a cada balanço do vehiculo, todo um cortejo pittoresco de casa mudada, rodando pelas estradas dos arrabaldes, lentamente, a caminho da cidade. Já na Baixa se nota um accrescimo de animação nos arruamentos; e em um ou outro grupo de recém-chegados, indaga-se nos intervallos do relato de aventuras que parecem coloridas pelo heroe de Tarrascon, — o que será o inverno proximo.

Nunca foi tão difficil ser propheta na nossa terra.

Todas as probabilidades são, porém, a favor d'um resultado identico ao do anno anterior. Algumas festas de absoluta intimidade, tres ou quatro salões apenas, dando signal de vida mundana e de

bom gosto artistico e regular concorrência a dois, ou tres *theatros* e aos concertos que se annunciam no antigo *theatro* «D. Amelia» e no «Salão Olympia». A *atmosfera* politica está muito



VIDA ELEGANTE — Em Villa do Conde — Um grupo da colonia balnear



VIDA ELEGANTE — Em Villa do Conde — Concurso de construcção na areia

densa e a sua influencia n'estas circumstancias na vida social é decisiva. Lisboa continuará, portanto, a conservar o seu aspecto recolhido, que inspirou a um distincto diplomata estrangeiro esta designação feliz:

— Lisboa é... uma bonita estação de repouso!...

Oxalá falhem as prophcias e seja restituído á nossa linda terra aquelle aspecto de encantadora e suggestiva alegria que a notabilizou, com a suavidade do seu clima e com a luminosidade risonha do seu incomparavel ceu azul.

LUIZ TRIGUEIROS.

BAYARD

O cavalleiro *sans peur et sans reproche* foi uma das grandes glorias da França. Os serviços que prestou no reinado de Luiz XII deram-lhe jús aos respetos de Francisco I, e tantos lhe mereceu que, antes da batalha de Marignan, quiz ser armado cavalleiro pelas mãos de Bayard, honra que o bravo soldado sobre todas apreciou. N'aquella celebre batalha, da qual dizia o marechal Trivulce: todas as batalhas em que tenho entrado não passam de jogos de creanças, comparadas com a de Marignan, «batalha de gigantes» não contribuiu Bayard pouco para a gloria das armas francezas. Não havia empreza difficil para que não fosse lembrado e que elle regeitasse. Era a praça de Mezieres mal fortificada, e via-se ameaçada por um poderoso exercito. O conselho do Rei decidiu que fosse queimada, oppóz-se Bayard dizendo: «Nenhuma



VIDA ELEGANTE — Em Villa do Conde

O esplendido «Turcat Nery» do sr. Sebastião Azevedo que entrou na batalha de flóres

praça é fraca quando ha homens de coração para a defender.» Encarregado da sua defeza, foi pouco depois intimado pelo conde de Nassau, que sobre ella marchava á frente de 40:000 infantes e 4:000 cavallos, para que se rendesse: «Jámais sahirei de uma praça, respondeu elle, que o meu Rei me confiou para defender, senão por uma ponte feita com os corpos de seus inimigos. «Em 1524, na retirada de Romagnano, quebrou-lhe uma bala a espinha dorsal. *Jesus, meu Deus! Morro!* taes foram as suas palavras, quando se sentiu tão mortalmente ferido. Pediu que o collocassem debaixo de uma arvore, com a cara para o inimigo; por que, não lhe tendo jámais voltado as costas, não queria começar a fazel-o nos ultimos momentos da vida. Como o exercito retirava, ficou em poder do inimigo. Havia n'este campo alguns soldados francezes armados contra a sua patria, um d'elles, encontrando Bayard moribundo, mostrou pena de o vér n'aquelle estado, ao



VIDA ELEGANTE — Em Villa do Conde — Um dos carros classificados na batalha de flóres

que elle promptamente respondeu: «Não choreis sobre mim, mas sobre vós que empunhaes armas contra o vosso Rei, contra a vossa patria, e contra o vosso juramento.» Lendo a sua vida, não



VIDA ELEGANTE — Em Villa do Conde — «Um pic-nic»

sabemos se é mais admiravel como soldado, se como cavalleiro; como soldado apresentava-o Luiz XII exemplo a todos os que se guiavam a nobre carreira das armas; como cavalleiro era... o cavalleiro *sans peur et sans reproche*.

D. JORGE EUGENIO DE LOCIO.

PENSAMENTOS

Póde avaliar-se o estado moral e intelectual das nações pelas pessoas a quem liberalisam o titulo de grandes homens.

MARQUEZ DE MARICÁ.

O passado guarda um reflexo dos nossos primeiros sonhos e parece superior ao presente, simplesmente porque é o passado.

JULIO CLARETIE.

Todo o homem possui em sua phantasia um Proteu interior, que se transforma a cada passo, que a cada passo toma feições diferentes. Esta é a lei commum. Mas tambem contra esta lei de mutabilidade indefinida, contra esta capacidade de transformação, este talento diplomatico da natureza humana, ha espiritos que reagem, não sei se por um privilegio especial, ou por esforço proprio, e tomando nas mãos, por assim dizer, todos os raios esparsos da actividade sem destino, os concentram em um só ponto, e os dirigem a um só fim. São espiritos que se restringem, naturezas que se simplificam, e de uma simplicidade, que até ás vezes nos parece uniformidade monotona. Mas uma tal uniformidade é potente e grandiosa; em semelhantes naturezas toda a riqueza espiritual se converte na firmeza e energia de uma convicção.

TOBIAS BARRETO.

O que ha de mais tentador é o impossivel.

MICHELET.

As Locomotivas da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

NUM dos nossos passados artigos, fallámos de algumas locomotivas estrangeiras; vamos hoje dizer algumas palavras acerca das locomotivas da C. P., sobretudo das que foram transformadas. As locomotivas, que vamos descrever, são as que teem os seguintes numeros: 45, 96, 023 e uma outra, cujo numero, não temos presente na memoria.

Como a applicação do modo *compound* ás locomotivas foi generalizada só ha cerca de uns 20 annos, as locomotivas de simples expansão construidas anteriormente a esta época são em geral machinas de 2 eixos conjugados e de quadro de rodas ou eixo deanteiro para o serviço de passageiros e machinas de 3 ou 4 eixos conjugados com cylindros interiores ou exteriores, para o serviço de passageiros ou mercadorias em linhas muito accidentadas; o timbre não ultrapassa, em geral, 9 kg. a 10 kg.

Nas transformações, a que se procedeu, não se procurou construir novas machinas, mas tão sómente aproveitar tudo quanto se podia aproveitar das antigas como os fixes, cylindros, movimentos, equipagens de rodas, carros de carvão, etc.

E na nossa descrição não fallaremos das locomotivas séries 300, 350 e 400, que fazem actualmente o serviço dos rápidos e correios da linha do Norte.

Limitar-nos-hemos a descrever 4 typos de locomotivas, a saber: machina *Outrance* de 2 eixos conjugados e quadro de rodas; machinas inglezas (Beyer Peacock) de 2 eixos conjugados e quadro de rodas; machina-carvoeira (machina *tender*) de origem ingleza (Beyer Peacock) de 3 eixos conjugados e eixo radial trazeiro; machinas de mercadorias de 3 eixos conjugados de 1^m,42 com 2 cylindros exteriores.

I—Machina *Outrance* de dois eixos conjugados e quadro de rodas

Esta machina é do typo empregado na Companhia do Norte Francez; o seu peso total é de 42,7 T., assentando 27,5 T. sobre os dois eixos conjugados. A caldeira é timbrada a 9 kg., a superficie da grelha é de 2,35 m. q. e a superficie de aquecimento é de 91,60 m. q.

Como a caixa de fogo mergulha entre os dois eixos conjugados, não foi possivel augmentar a grelha, cuja superficie, aliás, já era sufficiente. Augmentou-se sómente, tanto quanto possivel, o diametro do corpo cylindrico e a profundidade da fornalha, augmentando-se tambem o numero de tubos de fumo sem mudar os ap-

poios nem os berços das caldeiras; conservaram-se os céus, regulador, chaminé, valvulas, torneiras; o timbre da caldeira foi assim levado a 12 kg.; a superficie de aquecimento passou a 105,60 m. q.; o esforço de tracção, que era de 4.120 kg., é de 5.430 kg.; o peso adherente augmentou de 27,5 T. a 30,3 T.

Pareceu inutil applicar o sobreaquecimento a machinas destinadas exclusivamente a um serviço de comboios omnibus; por outro lado, a disposição dos cylindros no interior das longarinas não se prestava a uma transformação em *compound*. Procurou-se então obter o augmento de rendimento com a esquentação da agua de alimentação, adoptando um dispositivo analogo ao que foi applicado na réde dos Caminhos de Ferro Egypcios.

A esquentação faz-se em 3 tempos: nos 2 primeiros, a agua de alimentação é despejada, por meio de um cavallo de marcha muito lenta, em cascata, em 2 esquentadores tubulares collocados lateralmente por baixo do tableiro e cujos tubos são atravessados por uma derivação do vapor de escape; de ahí a agua vae para um 3.^o esquentador anular collocado na caixa de fumo e composto de 2 cylindros concentricos entre os quaes circula

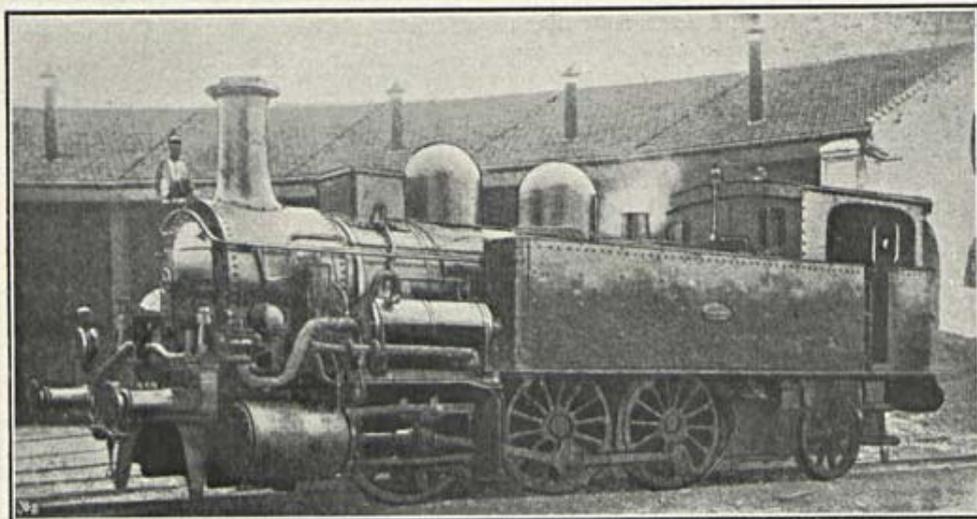
em torno de pequenos tubos longitudinaes, atravessados pelos gazes da combustão.

Quando a agua entra na caldeira, a sua temperatura é superior a 100^o, attingindo e ultrapassando mesmo 120^o.

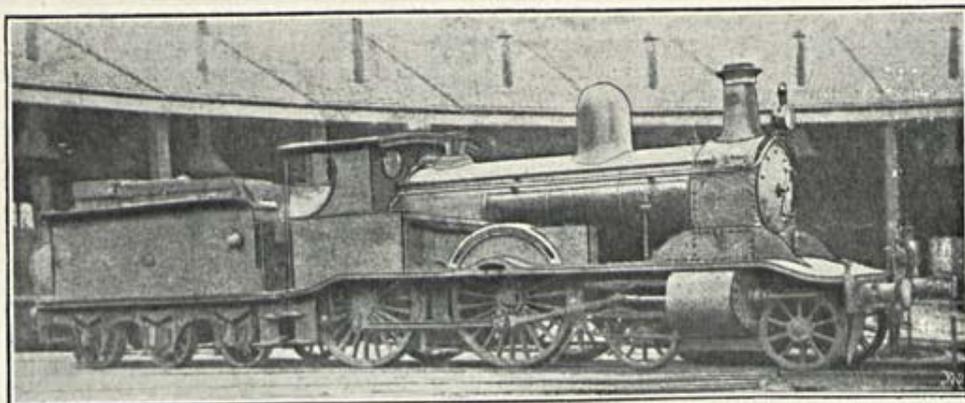
A influencia na tiragem não tem inconveniente. Um dispositivo por torneira de 3 vias permite, em caso de avaria, repellar a agua directamente para a caldeira; foi conservado tambem um dos 2 injectores primitivos.

A potencia de tracção de estas machinas augmentou cerca de 40 0/0; o consumo de combustivel por tonellada kilometrica rebo-

As locomotivas da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes



Machina-carvoeira com caldeira transformada e esquentador alimentar, systema Gaitle-Pctnie



Machina Beyer Peacock de 2 eixos conjugados e quadro de rodas

cada apresenta, em relação ás antigas, uma diminuição importante.

As que teem esquentação de vapor apresentam uma economia de, pelo menos, 12 0/0 sobre as outras locomotivas transformadas, que ainda não receberam esse melhoramento. E' do typo, que acabamos de descrever, a machina cujo numero é 45.

II — Machina Inglesa (Beyer Peacock) de 2 eixos conjugados e quadro de rodas

Estas machinas foram construidas em 1889, teem um peso de 44,3 T., assentando sobre os eixos conjugados o peso de 27,2 T. Ha 2 séries de estas machinas: na 1.^a as rodas teem 2^m,00 de diametro; na 2.^a teem 1^m,84; os cylindros são exteriores e as machinas foram construidas para funcionar em *compound*. Na 2.^a série, logo desde o inicio do seu serviço, substituiu-se o cylindro de expansão por um outro igual ao de admissão, de modo que a caldeira tornou-se muito fraca; o cylindro de expansão foi conservado nas machinas da 1.^a série, que forneceram um excelente serviço com um consumo de combustivel, sempre muito inferior ao das da 2.^a série e sem exigirem um grande trabalho de conservação. O arranque era facilitado por um aparelho automatico *Von Borries*; não obstante isso, o arranque fazia-se algumas vezes com certa difficuldade.

As caldeiras são timbradas a cerca de 10 kg. e as chapas não teem mais do que 12,7 mm. de espessura; a caixa de fogo é de berço cylindrico; o céu da fornalha é contraventado com asnas longitudinaes.

Estas caldeiras foram substituidas por outras de fornalha Belpaire, nas quaes a superficie da grelha foi augmentada a 2,09 m. q.; manteve-se a fornalha profunda, mergulhando-a entre os 2 eixos, mas augmentou-se-lhe a altura; a superficie de aquecimento directo passou assim de 10,30 m. q. a 12,40 m. q. O corpo cylindrico tem um diametro de 1^m,25; o comprimento não pode ser augmentado a mais de 3^m,17 e foi munido com tubos Serve de 65/70 mm.

A superficie de aquecimento passou assim de 97,20 m. q. a 142,30 m. q.

O peso adherente augmentou 3,6 T.

A caldeira foi experimentada e calculada para uma pressão de 16 kg. mas as valvulas foram provisoriamente reguladas a 14 kg., visto que se conservaram os cylindros antigos; os esforços acham-se assim melhor distribuidos e nos ensaios com indicador achou-se uma potencia total indicada de 636,5 cavallos, sendo 320,3 nos cylindros H. P. e 316,2 nos cylindros B. P. Este diagramma foi tirado em pata-

mar, com a velocidade de 76 km., comboio de 172 T., regulador aberto $\frac{2}{3}$, introdução média de 50 $\frac{0}{0}$. Numa rampa de 1,5 $\frac{0}{0}$ em 55 km., com o regulador todo aberto e admissão de 70 $\frac{0}{0}$, a potencia total foi de 596,4 cavallos, sendo 277,0 para os cylindros H. P. e 319,4 para os cylindros B. P.

A potencia de estas machinas quasi que duplicou e o consumo de combustivel diminuiu cerca de 16 $\frac{0}{0}$.

Para facilitar o arranque em todas as posições, acrescentou-se uma torneira de tres vias que permite introduzir directamente vapor vivo em qualquer dos espaços nocivos dos cylindros B. P.

Nas machinas da 2.^a série, a pressão maxima foi regulada igualmente a 14 kg., o que quasi que duplicou a potencia.

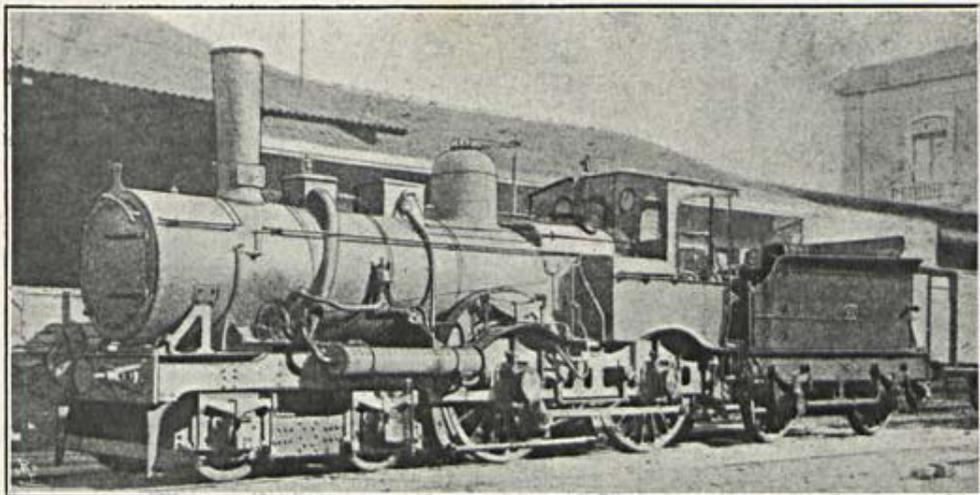
Estas machinas podem rebocar comboios de 160 T. em rampas de 1,5 $\frac{0}{0}$. O peso adherente passou de 27,2 T. a 30,8 T.

A machina 96 pertence ao typo, que acabamos de descrever.

III — Machina carvoeira (Beyer-Peacock) de 3 eixos conjugados e eixo radial trazeiro

Repetimos novamente que chamamos *machina-carvoeira* ás antigamente chamadas *machina-tender*.

Estas machinas, timbradas a 10 kg. e cujo peso total é de



Machina Outrance modificada com esquentador alimentar

57 T., apresentavam, sob o ponto de vista da caldeira, os mesmos inconvenientes que as machinas precedentes.

As antigas caldeiras foram substituidas por caldeiras a 13 kg., nas quaes os céus da fornalha e da caixa de fogo estão reunidos por tirantes radiaes.

Como a parte anterior já estava muito carregada, não foi possível collocar um esquentador nos tubos. Por outro lado e pelo mesmo motivo, não se podia proceder á montagem de um esquentador annular muito pesado na caixa de fumo.

Instalou-se um esquentador, systema Caille-Potonié, que já deu bons resultados em outras rédes, tendo realisado uma economia de combustivel superior á que dá no systema *compound*.

Um pequeno cavallo de duplo efeito aspira a agua das caixas, injecta-a para um esquentador, cujos tubos são atravessados por uma derivação do vapor de escape regulada em quantidade por um registo automatico e aspira-a novamente para a injectar para a caldeira.

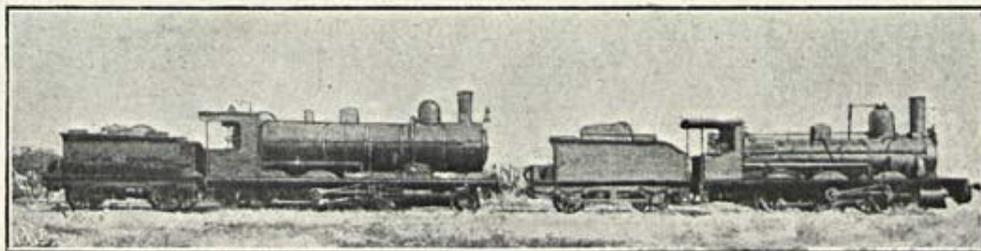
Nesta transformação, em virtude da elevação do timbre, não

se puderam conservar os reguladores primitivos como já se tinha feito nas transformações precedentes, e installaram-se reguladores de valvulas equilibradas, systema Zara.

A potencia d'estas machinas augmentou muito e o consumo

diminuiu cerca de 20 $\frac{0}{0}$. A influencia do aparelho Caille-Potonié, cuja installação é recente, ainda se não pode avaliar.

A locomotiva de este typo, cuja photographia publicamos, tem o numero 023.



Transformação das machinas de mercadorias de 3 eixos conjugados (A nova e a antiga locomotiva)

IV — Machina de mercadorias de tres eixos conjugados de 1^a,42 e 2 cylindros exteriores

Sabe-se que nestas machinas, nas quaes, não só o bloco dos cylindros e o seu contraventamento na parte anterior, mas tambem

a caixa de fogo na parte posterior, estão em falso, teem uma mediocre estabilidade e deslocam-se pouco rapidamente. Convinha então, ao mesmo tempo que se substituia a caldeira usada, effectuar uma transformação que consolidasse e tornasse a machina mais poderosa.

Esta transformação consistiu, á semelhança do que se tinha feito na Companhia Franceza do Meio-Dia, desde 1900, em munir a machina com um bixel na parte anterior e avançar as caldeiras sobre as longarinas.

Esta caldeira é muito mais forte do que a antiga.

A superficie da grelha, que era de 2,12 m. q., é de 3,01 m. q.; a superficie de aquecimento directa passou de 9,43 m. q. a 13,20 m. q.; a superficie de aquecimento total, que era de 159,92 m. q., é de 158,10 m. q.; o volume de agua passou de 4,570 m. c. a 7,912 m. c.; o volume de vapor, que era de 2,620 m. c., é de 3,665 m. c.; o diametro do corpo cylindrico passou de 1^m,44 a 1^m,67. Pareceu sufficiente elevar o timbre a 11 kg.

o tubo de escape do vapor; esta peça tem calços limitando o deslocamento vertical do bixel.

Na parte posterior, a caixa de fogo mergulha pela sua parte anterior entre as longarinas e é ahí fixada por umas garras; a parte posterior assenta, por intermedio de calços em bronze, num tirante de aço moldado.

O peso total da machina passou assim de 45,5 T. a 58 T., sendo o peso, que assenta sobre o bixel, de 8 T. O peso adherente sobre as rodas conjugadas augmentou 3 T. Para melhor distribuir os pesos, conjugaram-se os 2 eixos posteriores com balanceiros. O eixo anterior é conjugado com o bixel por meio de um balanceiro longitudinal.

Este bixel é do typo estudado pela antiga Companhia Franceza do Oeste; sabe-se que comporta um fixe independente, que, na parte posterior, se articula numa travessa ao fixe principal. O tirante de este fixe tem uma travessa oscillante, que serve de suporte ás biellas de suspensão de um ralo ferreo; um balanceiro

Exposição das Artes Graphicas



Reportagem photographica—Instalação do nosso collaborador J. Benoiel

(Phot. de ***)

Renunciou-se á caixa de fogo Belpaire, em virtude das deteriorações rapidas da placa tubular, para adoptar a forma em berço com contraventamento radial, que parecia ter dado melhores resultados e é de reparação mais facil.

Conservou-se o fixe da machina primitiva e as longarinas, diminuidas na parte posterior, foram prolongadas na parte anterior por 2 chapas da mesma espessura, que lhes estão ligadas por tirantes interiores.

Os contraventamentos em chapa e as cantoneiras dos cylindros foram substituidas por peças em aço moldado.

Em virtude do avançamento da caldeira sobre as longarinas, é pela 1.^a virola do corpo cylindrico que a caldeira está fixa aos cylindros por meio de peças em aço moldado rebitadas á caldeira e que veem encostar no tirante collocado entre os cylindros; a junção é assegurada por parafusos e chavetas.

A caixa de fumo assenta sobre uma peça em aço moldado contraventando as chapas prolongadoras das longarinas e formando

longitudinal, collocado no eixo da machina, articula-se no tirante dos cylindros; appoia-se na parte posterior num balanceiro transversal ligado ás molas do 1.^o eixo conjugado e na parte anterior appoia-se sobre o ralo ferreo. Prolonga-se para a parte anterior de este ralo ferreo e vem ligar-se a uma guia de aço moldado fixa ao fixe principal, que o mantem sempre no eixo da locomotiva. Esta guia tem um calço em aço temperado, que limita a 50 mm. de cada lado a folga lateral do bixel; faz-se assim o equilibrio sem nenhum attricto.

Não se julgou vantajoso applicar a estas machinas, utilizadas para rebocarem comboios mixtos ou de mercadorias, o sobreaquecimento, cujas vantagens não estavam absolutamente demonstradas neste caso e que teria arrastado a substituição dos cylindros e do mechanismo.

Estas machinas teem uma potencia superior cerca de 40 0/0 á das machinas de 4 eixos conjugados.

Rebocam comboios de uma tonellagem superior a 1 000 T. em

patamar, com a velocidade de 45 km. á hora e de 600 T. e 350 T. em rampas de 1,2 0/0 e 1,5 0/0.

Terminamos agradecendo mais uma vez publicamente ao Sr. Jayme Cardoso, empregado na Secção de Tracção da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, que gentilmente me forneceu os apontamentos para a redacção de este artigo.

AFFONSO DE CASTILHO,
Engenheiro Civil

criminoso, nem eu tinha em vista mais que o interesse da minha religião. — Olha, respondeu o duque, como divergem as nossas religiões: a tua obriga-te a tirar a vida a um homem, que, pela tua propria confissão, jámais te offendeu; a minha ordena-me que te perdôe.» E immediatamente mandou pôr o criminoso em liberdade.

No seculo de Carlos IX ha mais exemplos d'estes, e comtudo não faltava quem com a intriga e com a espada guerreasse a Religião Christã, mas os que vivem no nosso, não se podem admirar do que então acontecia.

D. JORGE E. DE LOCIO.

Mesmo a gloria necessita consolação.

Familias Reaes Extranjeiras



Filhas do Czar da Russia

6 Duque de Guise

Todos conhecem o nome do Duque de Guise, e não poucos o teem calumniado; ha porém na sua historia factos que o caracterizam, e d'esta ordem é a seguinte:

Um dos chefes da religião reformada, crendo que não podia fazer a esta melhor serviço do que livral-a de um tão poderoso inimigo, como o Duque de Guise, introduziu-se no campo real, espreitando occasião de assassinar o Duque. Alguns indicios o denunciaram; preso, levado á presença do Duque, confessa francamente o seu plano. O senhor de Guise perguntou-lhe se por ventura lhe tinha dado algum motivo de queixa. — «Nenhum, lhe diz o

MORTA

Tinha a mania de brincar comigo,
Finjir-se morta, e depois abrindo
Os meigos olhos me dizia: — «Amigo,
E se eu te fôsse para Deus fugindo?...»

Passou-se um anno. Era manhã, dormia.
Dormia tanto, que a supuz fingindo
Que estava morta. Abracei-a fria,
E nunca mais me despertou sorrindo...

D. THOMAZ DE MELLO.

THEATROS

Aos muito poucos que na nossa terra se interessam por cousas de theatro, raras são as novidades que temos a offerecer-lhes. Muito se segreda por esses palcos e cafés, mas nada de positivo, que nos faça antever o que será a nossa futura época theatral. A maioria dos theatros ainda não inauguraram a época de inverno. Apenas o **Apollo**, fazendo *reprise* do *Sonho Dourado*, e o antigo **Rua dos Condes**, hoje christado em **Theatro do Povo**, fazendo, tambem, *reprise* da revista *Peço a Palavra*, e seja dito em abono da verdade, com grande exito e acerto, fizeram a sua abertura official, guardando, porém, para melhor oportunidade o novo repertorio. Assim, ouvimos dizer á bocca pequena que, no primeiro, depois da *reprise* do *Chico das Pegas*, subiria á scena uma operetta original do conhecido escriptor theatral André Brun, e para o segundo, dois conhecidos revisteiros estavam preparando uma revista, da qual se esperava um successo enorme.

O **Avenida** continua em plena época de verão, e pelos modos o inverno por aquellas paragens vem tardio, porque não ha meio de arrefecer a revista o 31.

empresario, o sr. Antonio Santos, que o apresentou completamente restaurado, sendo de um extraordinario effeito o seu novo aspecto e excellente a companhia de circo com que foi inaugurada a época em 28 de Setembro. O publico applaudiu todos os numeros como *Valluzzi*, prodigioso equilibrista, o celebre artista *Robledo*, que produziu um verdadeiro assombro, o nosso conhecido *Walter*, d'esta vez acompanhado de *Antonet*, que ha alguns annos não trabalhava em Lisboa, e ainda os clowns *Frères Footil*, Alfredo Moggi, Cristiani e Martinetti.

Eis o prologo... um pouco de espera, que o panno vae subir..

Ruy.

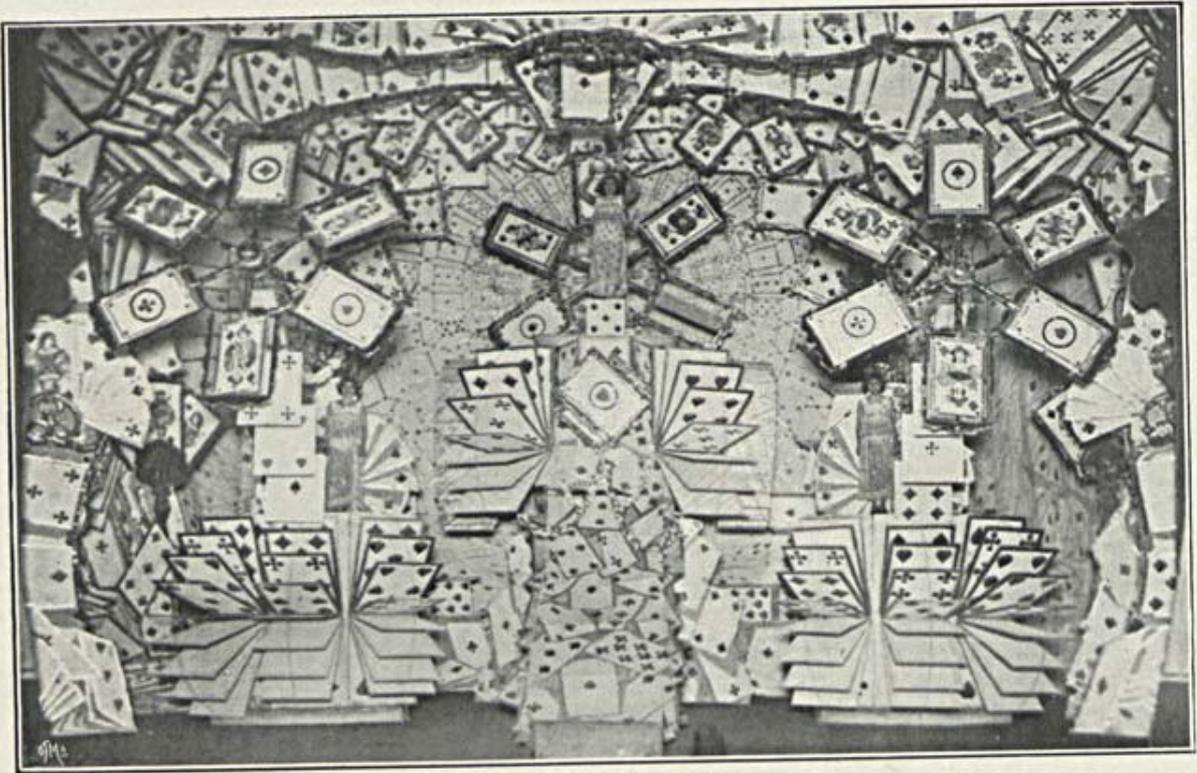
Animatographos

Salão da Trindade.—O maior successo da época tem sido o *Quo Vadis?*, extraordinario trabalho que todas as noites a numerosa assistencia applaude com enthusiasmo. As enchentes são colossaes, e é fita que não sae tão cedo do cartaz.

Chiado Terrasse.—*Morto que mata*, terceiro film da serie

THEATROS

THEATRO DA AVENIDA — A revista "O 31"



«O quadro novo — O 31 real

Para o **Republica** sabemos ter o seu intelligente empresario, Visconde de S. Luiz de Braga, comprado varias peças de maior successo do moderno repertorio do theatro francez; no **Avenida** teremos uma excellente companhia de operetta, notando-se como primeiras figuras Palmyra Bastos e José Ricardo, e constando mais que todas as operettas representadas serão portuguezas, o que, nos tempos que vão correndo, constitue motivo de louvor para a empresa, á testa da qual continua Luiz Galhardo.

Temos ainda o theatro do **Gymnasio**, que nos apparece transformado, rejuvenescido, todo a branco e ouro, como a maioria dos theatros no estrangeiro, e que tem uma serie de novidades de que ha a esperar grande successo.

Na **Trindade**, Taveira não se poupa a esforços; Maria Judice da Costa, a intelligente artista que lá fóra, em companhias de opera grangeou uma situação de relevo, é a primeira figura da companhia; novas estreias se annunciam, e o repertorio, quasi todo de peças allemãs, dizem-nos ser uma maravilha.

Teremos ainda em Novembro proximo a inauguração do novo theatro **Politeama**, que será inaugurado pela companhia Gomes & Grijó, actualmente no Brasil, com a peça *Valsa de amor*, de que nos dizem maravilhas.

Muito propositadamente deixámos para o fim o **Colyseu dos Recreios**, onde mais uma vez se faz sentir a intelligencia do seu

«Fantômas», é uma das fitas mais interessantes que conhecemos e de um imprevisto que encanta. Para breve grandes novidades.

Salão Central.—*O guarda feroz*, ultimamente estreiada, continua chamando affluencia enorme de publico. A empresa d'este cinema está em negociações para a apresentação de varios films, que constituirão um verdadeiro successo.

Olympia.—Magnificos os films ultimamente apresentados n'este salão, bem como os concertos, que têm constituido um legitimo successo. Inauguraram-se já as *matinées roses* das segundas feiras, ponto de reunião da nossa sociedade elegante, e que têm sido encantadoras pela assistência e pelos espectaculos que são d'um cunho verdadeiramente artistico.

Salão Foz.—Em todos os espectaculos se exhibem as applaudidas artistas *Villefleures* e as afamadas bailarinas *Hermanas Leal*, além de fitas animatographicas de grande successo.

A educação não é uma obra do que possam vêr a cornija, nem sequer o pavimento, os mesmos que trabalharam nos alicerces.

JOAQUIM NABUCO.